



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Iribarry, Isac Nikos

Aproximações sobre a transdisciplinaridade: algumas linhas históricas, fundamentos e princípios aplicados ao trabalho de equipe

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 16, núm. 3, 2003, pp. 483-490

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18816307>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Aproximações sobre a Transdisciplinaridade: Algumas Linhas Fundamentais e Princípios Aplicados ao Trabalho de Equipe

Isac Nikos Iribarry^{1 2}

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

O objetivo deste artigo é o de apresentar algumas aproximações conceituais e práticas sobre o tema da transdisciplinaridade. Em um primeiro momento, as aproximações realizadas serão alternadas pela exposição teórica dos conceitos de disciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade – serão examinadas suas diferenças e conseqüências para o estabelecimento de relações entre diferentes disciplinas. Em seguida, serão apresentadas algumas aproximações históricas e alguns fundamentos da transdisciplinaridade. Na etapa final do trabalho, serão examinados os princípios aplicados ao trabalho de equipe em uma situação de transdisciplinaridade. Tais princípios estão organizados a partir da geração de novos dispositivos, da familiarização dos profissionais com cada área diferente de atuação, da geração de novos dispositivos, da familiarização dos profissionais com cada área diferente de atuação, do compartilhamento dos discursos e da tomada de decisão horizontal.

Palavras-chave: Disciplinaridade; transdisciplinaridade; trabalho de equipe.

Approaching Transdisciplinarity: Some Historical Lines, Foundations and Applied Principles

Abstract

This article aims at presenting some conceptual and practical approaches on transdisciplinarity. At first, the approaches will be presented in an alterned way with the theoretical presentation of themes related to transdisciplinarity. Some of those concepts will be presented as well. The concept of disciplinarity and its derivations – multidisciplinary and transdisciplinarity – are examined in their differences, as well as in their consequences for establishing relationships between different areas. Following that, some historical origins and foundations of transdisciplinarity will be presented. In the final stage of the work, the practical principles of team work in a case of transdisciplinarity will be discussed. Those principles are organized from the work carried out by the team work, the generation of new devices to foster familiarising of professionals with each different area, the generation of new devices to foster familiarising of professionals with each different area, the readability and sharing of discourses, as well as horizontal decision making.

Keywords: Disciplinarity; transdisciplinarity; team work.

Atualmente, o tema da transdisciplinaridade tem sido focalizado em diversos contextos de estudo e pesquisa. Desde as teorizações disponíveis com a crescente literatura sobre o assunto até as pesquisas sobre trabalhos de equipe e estilos de interação entre os membros de um determinado grupo. A intenção deste trabalho, no entanto, não é a de enumerar exaustivamente uma série de referências sobre o tema da transdisciplinaridade. A proposta é a de estabelecer

perspectiva de um estilo de interação entre as disciplinas e de equipes. Convém, antes de mais nada, apresentar algumas aproximações sobre o termo transdisciplinar, inter, multi, pluri e trans.

Segundo Japiassu (1976), é necessário distinguir a disciplinaridade, examinando se ela pode ou não ser uma disciplina. Para isso, é necessário buscar algumas precisões de

toda ciência é uma disciplina, mas nem toda disciplina é uma ciência. E uma disciplina sempre depende da interação com outras diferentes disciplinas. Assim, é preciso estabelecer níveis de agrupamento para as disciplinas em contato.

O primeiro nível é o da multidisciplinaridade. Sua descrição geral evoca uma gama de disciplinas propostas simultaneamente, mas sem fazer aparecer diretamente as relações que podem existir entre elas. É um tipo de sistema de um só nível e de objetivos múltiplos; não há nenhuma cooperação entre as disciplinas (Japiassu, 1976). Pode-se pensar no seguinte exemplo: em um hospital, vários profissionais estão reunidos, mas trabalham isoladamente. O paciente passa por uma contagem de linfócitos, em seguida é atendido pelo oncologista e, finalmente, dirige-se à sala de quimioterapia. Neste caso não há contato entre os profissionais envolvidos no atendimento: o bioquímico da contagem de linfócitos, o médico oncologista e a enfermeira que cuida da quimioterapia não estão articulados entre si de modo que apareçam relações entre as disciplinas. A ausência de uma articulação não significa, no entanto, uma ausência de relação. O fato é que os profissionais, nesse caso, estão inseridos em um esquema automático, o qual não gera espaço para uma articulação como em outras modalidades da disciplinaridade (Iribarry, 2002).

O segundo nível é a pluridisciplinaridade. Sua descrição geral envolve a justaposição de diversas disciplinas situadas geralmente no mesmo nível hierárquico e agrupadas de modo que apareçam as relações existentes entre elas. É um tipo de sistema de um só nível e de objetivos múltiplos; há cooperação, mas sem coordenação (Japiassu, 1976). Quando, por exemplo, um paciente procura atendimento psiquiátrico e, após receber orientação e prescrição psicofarmacológica, é encaminhado, pelo próprio psiquiatra, a um psicólogo para um trabalho de psicoterapia. Os profissionais cooperam, mas não se articulam necessariamente de maneira coordenada. Nesse caso, a cooperação não é automática, mas cumpre a finalidade de estabelecer contatos entre os profissionais e suas áreas de conhecimento (Iribarry,

Todavia, o que prevalece é o saber médico, a coordenação e a tomada de decisão aos prazos da medicina, que dirigem e orientam a equipe (Iribarry, 2002).

Na transdisciplinaridade, a descrição geral evoca a coordenação de todas as disciplinas e implica a criação de um sistema de ensino inovado, sobre o qual se estabelece uma axiomática geral. É um tipo de sistema de múltiplos níveis e de objetivos múltiplos. A coordenação propõe uma integração dos sistemas (Japiassu, 1976). Numa equipe de saúde, por exemplo, encontram-se diversos profissionais reunidos. Pode-se tomar como exemplo a equipe que atende pacientes com problemas mentais. Essa equipe, provavelmente, reunirá profissionais de diversas áreas: psiquiatras, enfermeiros, assistentes sociais, fisioterapeutas, neurologistas, clínicos gerais etc. Quando o paciente chega para uma avaliação toda a equipe buscará formular um diagnóstico acerca do problema. Nesse diagnóstico esse diagnóstico seja dado em conjunto. A transdisciplinaridade não basta apenas que os profissionais opinem a partir de sua área e, finalmente, um diagnóstico seja indicado. Para que a configuração transdisciplinar alcançada é preciso que esses profissionais, fundamentalmente, estejam reciprocamente articulados na área de origem e na área de cada um dos profissionais (Iribarry, 2002).

Para que a configuração transdisciplinar seja verdadeira é preciso que o psicólogo, por exemplo, seja introduzido na área de seu colega assistente social e vice-versa. Assim, cada problema não solucionado em uma área seja levado para uma área vizinha e, assim, seja resolvido à luz de um novo entendimento (Caon, 2000). hipoteticamente, um psicólogo percebe a limitação de seus paradigmas no trabalho com o autismo e propõe ao seu colega neurologista um diagnóstico. Se a psicologia não consegue formular uma hipótese que resulta disso é uma interrogação).

A visão piagetiana trazida por Japiassu (1976) demonstra, por si mesma, o quanto é necessário difundir o espírito transdisciplinar. Da etapa das relações interdisciplinares se espera que advenha uma etapa superior, a qual não se restringe ao objetivo de atingir interações ou reciprocidades entre pesquisas especializadas, mas que situa essas ligações no interior de um sistema total, sem fronteiras estabelecidas entre as disciplinas (Piaget, 1972, citado em Japiassu, 1976).

A transdisciplinaridade, de acordo com Caon (1998), é um desafio colocado pelo interesse de uma equipe de profissionais que estão reunidos pela metáfora proposta por uma situação de transdisciplinaridade, na qual cada pesquisador problematiza os conceitos de diferentes campos. Cada um entra na disciplina do colega e olha pela luneta do outro pesquisador, interrogando os dispositivos práticos e teóricos utilizados pelo pesquisador anfitrião e com os quais ele vê aquilo que diz ver. Em transdisciplinaridade, os dispositivos utilizados para equacionar o problema são mais importantes do que a solução do mesmo (Caon, 1998). Cabe salientar que o nível da transdisciplinaridade não é um estilo de interação superior em relação aos demais níveis. Trata-se, pura e simplesmente, de um nível a ser buscado pelos benefícios que traz em sua gestão, mas que preserva as outras modalidades de níveis de funcionamento. Estas modalidades são naturais e fazem parte do funcionamento de qualquer grupo ou equipe que está reunido para desenvolver algum trabalho (Iribarry, 2002).

Por outro lado, podemos evocar os trabalhos de Nicolescu (1999) cuja fundamentação nos fala de três níveis apenas: a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade. A pluridisciplinaridade está preocupada com o estudo do objeto de uma só e mesma disciplina por várias disciplinas simultaneamente. Por exemplo, a Filosofia Marxista pode ser estudada pelo olhar cruzado da Filosofia com a Física, com a Economia, com a Psicanálise e/ou com a Literatura. O objeto pesquisado fica enriquecido e melhor aprofundado em suas concepções; todavia a finalidade última do projeto pluridisciplinar é manter o objeto

1999). A transdisciplinaridade, por sua vez, busca uma interação entre as disciplinas, não apenas com uma interação entre as disciplinas, mas com uma interação entre as disciplinas e o mundo, buscando um além de si, um além da disciplina, cuja finalidade é a compreensão do mundo como um todo, que haja uma unidade plural e não uma unidade única, uma estrutura descontínua de níveis e não uma estrutura contínua de níveis. A transdisciplinaridade preocupa com a dinâmica engendrada pela interação de diferentes níveis de realidade (Nicolescu, 1999). Podemos situar como exemplo de transdisciplinaridade a equipe de profissionais reunidos para discutir o problema da saúde. Esta equipe integra médicos, cientistas, filósofos e psicanalistas que se reúnem para discutir e a implementação de uma intervenção pública. A ação de cada profissional contribui para uma visão global do problema (Iribarry, 2002).

Mas essa noção de transdisciplinaridade, segundo Nicolescu (1999), é produto de uma revolução histórica. Para descrevê-la, vamos apresentar alguns pontos importantes da história da transdisciplinaridade, que incentivam uma nova relação entre o conhecimento bem como de se

Origens e Fundamentos da Transdisciplinaridade: A Perspectiva do CIRET (Centre de Recherches et Etudes Transdisciplinaires)

Para um exame das origens da transdisciplinaridade, vamos partir dos documentos disponíveis no CIRET. O CIRET foi fundado em 1980, uma associação cujo objetivo é a abordagem científica e cultural nas universidades contemporâneas, na sua direção o físico e cientista da natureza, com diversos colaboradores de outras áreas.

Para Nicolescu (2000), é necessário

O primeiro documento que registrou o interesse oficial de cientistas pela transdisciplinaridade foi a Declaração de Veneza. Escrito em 7 de março de 1986, a declaração foi o comunicado final do colóquio “A ciência diante das fronteiras do conhecimento”. Destacam-se os seguintes pontos que compõem o documento que resultou na Declaração de Veneza. As ciências fundamentais (física e biologia) provocaram transformações radicais na lógica e na epistemologia devido às inovações tecnológicas do último século. O determinismo mecanicista, o positivismo e o niilismo são sentidos como ameaças para a espécie humana. O encontro entre a ciência e as diferentes tradições do mundo permite o surgimento de uma nova visão da humanidade. Surge aí um novo racionalismo e uma nova perspectiva metafísica. Recusa-se qualquer projeto globalizante e qualquer sistema fechado de pensamento. Ciências exatas, ciências humanas, arte e tradição devem promover encontros e trocas. O encontro entre ciência e tradição exige novos métodos de educação. Cientistas e opinião pública devem decidir juntos o destino das novas tecnologias. A UNESCO deverá dar prosseguimento a estas iniciativas, estimulando a reflexão dirigida para a universalidade e a transdisciplinaridade.

Após o colóquio acima, o próximo documento que registra a necessidade da transdisciplinaridade saiu do congresso “Ciência e tradição: perspectivas transdisciplinares para o século XXI”, ocorrido em Paris, de 2 a 6 de dezembro de 1991. As conclusões estabelecidas pelo congresso mencionam um enfraquecimento da cultura mundial. Há um totalitarismo planetário que enfatiza um único caminho à verdade e à realidade. As revoluções conceituais trazidas pela física quântica explodiram as visões tradicionais da realidade determinadas econômica e politicamente por conceitos de determinismo, continuidade e localidade. A transdisciplinaridade não procura o sincretismo entre ciência e tradição, mas sim possíveis interatividades entre os dois campos. A transdisciplinaridade procura ultrapassar a modernidade. Por definição não pode haver especialistas transdisciplinares, mas pesquisadores animados por uma

novos que as articulam entre si; surge uma nova natureza e da realidade. A transdisciplinaridade é o domínio sobre várias outras disciplinas, não se trata de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa. A transdisciplinaridade está resolutamente aberta e ela ultrapassa o domínio das ciências exatas e suas reconciliação não somente com as ciências, mas também com a arte, a literatura, a poesia, a espiritual. Rigor, abertura e tolerância são fundamentais da atitude e da visão transdisciplinar na argumentação, que leva em conta todas as barreiras às possíveis distorções. A abertura é a aceitação do desconhecido, do inesperado. A tolerância é o reconhecimento do conflito entre verdades que podem se contrariar entre diferentes disciplinas.

Em 1997, de abril a maio, em Bangkok, um novo documento saiu do Congresso Internacional da Universidade para o amanhã? Em busca da transdisciplinar da universidade”. Deste documento foram encaminhadas as seguintes considerações sobre a transdisciplinaridade são os níveis de realidade, o terceiro incluído e a complexidade, os quatro níveis de metodologia da pesquisa transdisciplinar. A transdisciplinaridade, a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são as quatro flechas que apontam para o conhecimento. A transdisciplinaridade é a que opta pelo sentido. Uma educação neuropsicopedagógica passa de um fantasma que foi legado da modernidade científica. A transdisciplinaridade tem a ver com a unificação, em suas diferenças, do objeto de conhecimento. O sujeito conhecedor faz parte integrante do conhecimento.

Finalmente, em novembro de 1997, em Bangkok, pronuncia a conferência “Evolução da transdisciplinaridade: condição para o desenvolvimento da universidade Chulalongkorn, em Bangkok”. Destaca-se desta conferência o seguinte ponto: de vários níveis de realidade, o espaço entre as disciplinas é o espaço da transdisciplinaridade.

níveis de realidade ao mesmo tempo. A descoberta destas dinâmicas passa necessariamente pelo conhecimento disciplinar. Embora não se trate de uma nova disciplina ou de uma nova superdisciplina, a transdisciplinaridade é nutrida pela pesquisa disciplinar; ou seja, a pesquisa disciplinar é esclarecida de maneira nova e fecunda pelo conhecimento transdisciplinar. Nesse sentido, a pesquisa disciplinar e transdisciplinar não são antagônicas, mas complementares (Nicolescu, 1997).

Uma questão fundamental para o entendimento da transdisciplinaridade é colocada por Nicolescu (2000) e diz respeito aos diferentes níveis de realidade. Por nível de realidade Nicolescu entende um conjunto de sistemas que são invariantes e regidos pela ação de regras gerais. O mundo quântico está subordinado às leis quânticas, as quais são radicalmente diferentes das leis que regem o mundo macrofísico. Temos, portanto, dois níveis de realidade diferentes quando dois conjuntos de sistemas estão subordinados a leis diferentes e que somente servem ao seu nível de realidade. Nicolescu salienta que a matemática nos permite estabelecer uma descontinuidade entre o nível quântico e o nível macrofísico, de modo que a passagem de um nível a outro continua impossível, o que não impede a co-existência dos dois níveis. Outro aspecto importante das idéias de Nicolescu é o de que os níveis de realidade, em transdisciplinaridade, são radicalmente diferentes daqueles enfatizados pelas abordagens sistêmicas. O que justifica esta diferença é que os níveis de realidade da abordagem sistêmica estão subordinados a leis que são aplicáveis aos diferentes níveis do sistema, ao passo que a transdisciplinaridade resgata níveis de realidade cuja diferença está baseada na tradição de cada nível e suas idiossincrasias. Por isso, diferentes níveis de realidade podem apenas coexistir, sem nunca fazer parte de um sistema ou conjunto de sistemas.

Bourguignon (2001) entende a transdisciplinaridade como um esforço para integrar ao conhecimento tudo aquilo que não pode ser explicado pelo domínio de uma única disciplina, de modo a se recolocar o homem no centro do conhecimento. O conhecimento disciplinar é considerado

Camus (2001) sugere a importância da pesquisa em epistemologia, enfatizando a necessidade de diálogo entre universitários. Ademais, o conceito de transdisciplinaridade como um projeto das universidades. Não deixando de ser uma face de projeto utópico, grandioso, por isso retorna a ideia de que são os grandes projetos a possibilidade de êxito. Há que se considerar, entre a busca científica e a busca. Isso envolve uma epistemologia do ato de conhecer. Na busca, dirige a relação entre sujeito e objeto.

Passet (2001) fala de uma ética que o desenvolvimento da transdisciplinaridade sempre tomado como algo que este, quando inserido numa disciplina com outras áreas, deve cultivar o contato com o estrangeiro. Para a educação como derivados desta ética já que são dois aspectos que decorrem da transdisciplinar, pois são diferentes disciplinas, que compõem a cultura do povo.

A partir dessa apresentação histórica da transdisciplinaridade e seus fundamentos, logo se percebe a importância do diálogo entre diferentes áreas. Nesse diálogo será muitas vezes necessário refletir sobre a solução de um determinado problema não resolvido pelo conhecimento e que é levado a cabo pelo conhecimento, de modo que se possam superar as dificuldades trazidas pelo problema e sua solução representa.

O Problema como Solução

Camus (1998) diz que a

dispositivo que faz avançar as relações entre as áreas de conhecimento. Se o problema não resolvido em uma determinada área de conhecimento é, como vimos acima, uma solução viável para o estabelecimento do diálogo entre as diferentes áreas de conhecimento e pesquisa, então surge à frente daqueles que desejam levar adiante o desafio da transdisciplinaridade a necessidade de trabalhar em equipe. Com a crescente globalização do conhecimento em todas as áreas possíveis e as exigências renovadas a cada dia para que os pesquisadores estejam conectados ao volume formidável de informações que a rede internacional de computadores disponibiliza, é justificável a urgência de um contato mais aprimorado entre os pesquisadores. A transdisciplinaridade é um dispositivo que permite justamente essa integração dos pesquisadores e suas diferentes áreas de conhecimento e pesquisa. A reclusão de pesquisadores de áreas de conhecimento diferentes em guetos fechados é um problema que atinge uma das premissas básicas do estabelecimento de um universo de conhecimentos que pretende dar conta do ser humano numa perspectiva global e integradora de suas contradições naturais e diferenças inevitáveis, de modo que se possa reconhecê-lo como um ente complexo cuja riqueza está justamente na diversidade radical e constituinte de sua subjetividade. Ora, não é essa mesma diversidade radical que atravessa o campo vasto de conhecimentos com sua vasta gama de orientações teóricas, metodológicas e de práticas de pesquisa? E mais: não é exatamente um conjunto de contradições naturais e diferenças inevitáveis que afloram quando as diferentes áreas de conhecimento são colocadas lado a lado numa perspectiva dialógica?

O problema que surge é que o mecanismo da comparação conduz a um afastamento recíproco dessas diferentes áreas, quando deveria instituir o motivo fundamental para a necessária aproximação entre elas, já que isso não é senão o reflexo do complexo objeto de pesquisa: o ser humano. Assim, pode-se retomar a idéia, que é a de levar um problema não resolvido de uma área

preciso que haja um compromisso com a criação de dispositivos renovados para o trabalho reativo, também que cada membro da equipe esteja familiarizado possível com a diversidade de conhecimentos que freqüente continuamente as disciplinas. Ademais, é preciso que os discursos se tornem não mais se tornem exercícios velados de poder, a questão psicofarmacológica complexa de uma pessoa com a mesma clareza que uma orientação de um serviço social, por exemplo. Isso nos permite superar a necessidade do abandono do jargão com o qual se institui seu saber. A comunicação entre os membros da equipe, portanto, não seguirá mais um modelo hierárquico baseado na liderança de um saber sobre outro, mas assumirá uma característica horizontal, onde todos compartilham de seus conhecimentos e experiências. Dessa maneira, a tomada de decisão em relação a um problema discutido será uma tomada de decisão horizontal, não haverá prevalência de um saber sobre outro ou de uma disciplina (Iribarry, 2001).

Assim, podemos ver surgir um novo modo de trabalhar em diferentes áreas de conhecimento e pesquisa. Para iluminar esse diálogo é preciso um método. Trata-se de cumprir algumas proposições básicas para a realização de transdisciplinaridade: trabalho em equipe; criação de dispositivos; familiarização dos profissionais com o diferente da sua; legibilidade e comunicação dos discursos e tomada de decisão horizontal.

Os Princípios Práticos da Transdisciplinaridade: Trabalho em Equipe

Uma equipe será transdisciplinar quando congrega diversas especialidades com o objetivo de estabelecer uma cooperação entre elas sem que uma delas estabeleça a partir de um lugar fixo. Ela gera, de saída, um problema. Como evitar a criação de uma coordenação? Isto é, como evitar a criação de uma coordenação que seja apenas um

com a liderança do trabalho. Algumas vezes, é verdade, seu trabalho é realmente mais incisivo por ser mais antigo, o que lhes dá mesmo condições de tomar boas decisões ou influenciar seus colegas na tomada de uma decisão adequada. Outras vezes, no entanto, o técnico mais antigo sofre das mesmas inseguranças que seus colegas de menor tempo na equipe sofrem. É muito comum acontecer de o técnico tratado como líder encontrar dificuldades de compartilhar de suas dificuldades, pois teme decepcionar seus colegas. Há ainda a questão de uma liderança necessária. É o caso do chefe de equipe. O chefe de equipe ocupa o lugar de líder e isso pode trazer consequências de diversas naturezas. Entre elas, talvez as principais e mais comuns, estão o exercício vaidoso da liderança e o conflito natural que as diferenças pessoais e profissionais entre os membros acarretam. Por isso que a transdisciplinaridade mais que um perfil ideal é uma meta que a equipe deverá estabelecer para poder viver um permanente processo de avaliação de seu próprio trabalho nas diferentes perspectivas que a atravessam. Mas é importante lembrar: não se deseja dizer que as lideranças e as chefias de equipe são totalmente nocivas. Acima de tudo, é preciso salientar a necessidade destas lideranças e chefias buscarem incessantes questionamentos acerca de suas posições e estimularem o debate entre os demais membros da equipe. Pode-se pensar no seguinte exemplo: muitas vezes, o estagiário que chega para trabalhar na equipe recebe um lugar pré-fixado. É o lugar de quem deve aprender, certamente, mas não deixa de significar um olhar novo, estrangeiro, de quem chega e pode vislumbrar as coisas com algumas sutilezas que muitas vezes escapam aos profissionais mais antigos. Pode-se sugerir ainda o exemplo daquela equipe que cria e sustenta um imaginário onde uma determinada especialidade é portadora de uma voz que ensurdece as outras especialidades. Assim sendo, toda a equipe abre mão de seus discursos singulares para fazer coro com aquela especialidade que está mais investida de poder de decisão. O trabalho em equipe numa perspectiva

dispositivo encontre lugar, é preciso humildade e reconhecimento do campo em que o problema profissional falha em sua intervenção. Quando formulá-la, este é o momento em que o dispositivo possa ser gerado. Mesmo quando o profissional levar seu conhecimento de especialidade vizinha (ou de várias) até então insolúvel em sua área, o foco sob o foco de outras intervenções. Uma troca de informações será determinada área tem como detalhes ainda não percebidos.

Quando profissionais de diferentes áreas trabalham em equipe é preciso, portanto, reconhecer as diferenças entre eles e buscar um conhecimento. Mas não é uma familiarização superficial. É preciso descobrir um interesse e uma conexão com o colega. Quando uma equipe estabelece um funcionamento transdisciplinar, cada membro expõe suas ferramentas e seu entendimento do caso e tenta uma mesma exposição (Iribarry, 2002). Mas podem ser esotéricas, herméticas, e os discursos sejam compartilhados. É preciso que estes sejam, em parte, legíveis, de modo que produzam algo que os recebem. O que evolui a legibilidade dos discursos.

Para que o intercâmbio entre disciplinas transdisciplinar é preciso que os profissionais chamados jargão de cada área sejam compreendidos (Iribarry, 2002). Mas não basta apenas palavras que em nosso campo não se realizam um cuidadoso trabalho de escuta do que se deseja dizer em cada caso. Na situação de transdisciplinaridade, cada disciplina seja legível e compreendida.

Considerações Finais

Como vimos, a transdisciplinaridade está preocupada com uma interação entre as disciplinas, na qual cada uma delas busca um além de si, um além de toda a disciplina: sua finalidade é a compreensão do mundo presente, de modo que possa haver uma unidade plural de conhecimentos. Há uma estrutura descontínua de níveis de realidade que determina o espaço descontínuo da transdisciplinaridade, a qual se preocupa com a dinâmica engendrada pela ação de vários e diferentes níveis de realidade ao mesmo tempo. Assim, o trabalho de equipe, que reúne diferentes disciplinas, pode ser colocado na perspectiva transdisciplinar através de princípios práticos que promovem o contato entre essas disciplinas. A transdisciplinaridade visa promover um diálogo entre diferentes áreas do conhecimento e seus dispositivos. O diálogo serve como ensejo para uma situação de cooperação entre as diferentes áreas. Transdisciplinaridade é, portanto, diálogo e cooperação entre diferentes áreas do conhecimento.

Referências

- Bourguignon, A. (2001). De la pluridisciplinarité a la transdisciplinarité. *Bulletin interactif du CIRET (Centre de Recherche et Etudes Transdisciplinarité)*, 15, 120-127.
- Camus, M. (2001). Quelle université pour demain? *Bulletin interactif du CIRET (Centre de Recherche et Etudes Transdisciplinarité)*, 15, 89-92.
- Caon, J. L. (1998). Da existência analfabética à existência analfabetizada. *Revista do GEEMPA*, 6, 37-70.
- Centre de Recherche et Etudes Transdisciplinarité (1986, março). *Declaração de Veneza*. Comunicado final do colóquio “A ciência diante das fronteiras do conhecimento”.

- Centre de Recherche et Etudes Transdisciplinarité (1998). *Tradição: Perspectivas transdisciplinares para o século XXI*. Paris, França.
- Centre de Recherche et Etudes Transdisciplinarité (1999). *Transdisciplinaridade*. Primeiro congresso sobre transdisciplinaridade. Arrabida, Portugal.
- Centre de Recherche et Etudes Transdisciplinarité (2000). *Congresso de Locarno*. Que universidade para o ar?
- Centre de Recherche et Etudes Transdisciplinarité (2001). *Transdisciplinaridade das universidades para com a sociedade*. Quarta conferência internacional. Chulalongkorn University, Tailândia.
- Iribarry, I. N. (2001). O diagnóstico transdisciplinar em psicologia: *Análise Existencial, Metapsicologia e Apresentação* enquanto fundamentos de sua demonstração. Projeto de pesquisa publicado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia em Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Alegre, RS.
- Iribarry, I. N. (2002). O Diagnóstico Transdisciplinar para o trabalho de inclusão. Em C. R. Batista & C. R. Batista (Orgs.), *Educação: Reflexões e proposta de intervenção* (pp. 1-10). Artmed.
- Japiassu, H. (1976). *Interdisciplinaridade e patologia do conhecimento*. Imago.
- Nicolescu, B. (1997). *La Transdisciplinarité, manifeste*. Paris: Armand Colin.
- Nicolescu, B. (1999). Manifeste sur la transdisciplinarité. *Bulletin interactif du CIRET (Centre de Recherche et Etudes Transdisciplinarité)*, 15, 170-176.
- Nicolescu, B. (2000). Transdisciplinarity and complexity: as source of indeterminacy. *Bulletin interactif du CIRET (Centre de Recherche et Etudes Transdisciplinarité)*, 15, 71-75.
- Passet, R. (2001). Le développement durable: De la responsabilité. *Bulletin interactif du CIRET (Centre de Recherche et Etudes Transdisciplinarité)*, 15, 170-176.
- Paul, P. (2001). Les different niveaux de réalité entre disciplines. *Bulletin interactif du CIRET (Centre de Recherche et Etudes Transdisciplinarité)*, 17, 23-27.